

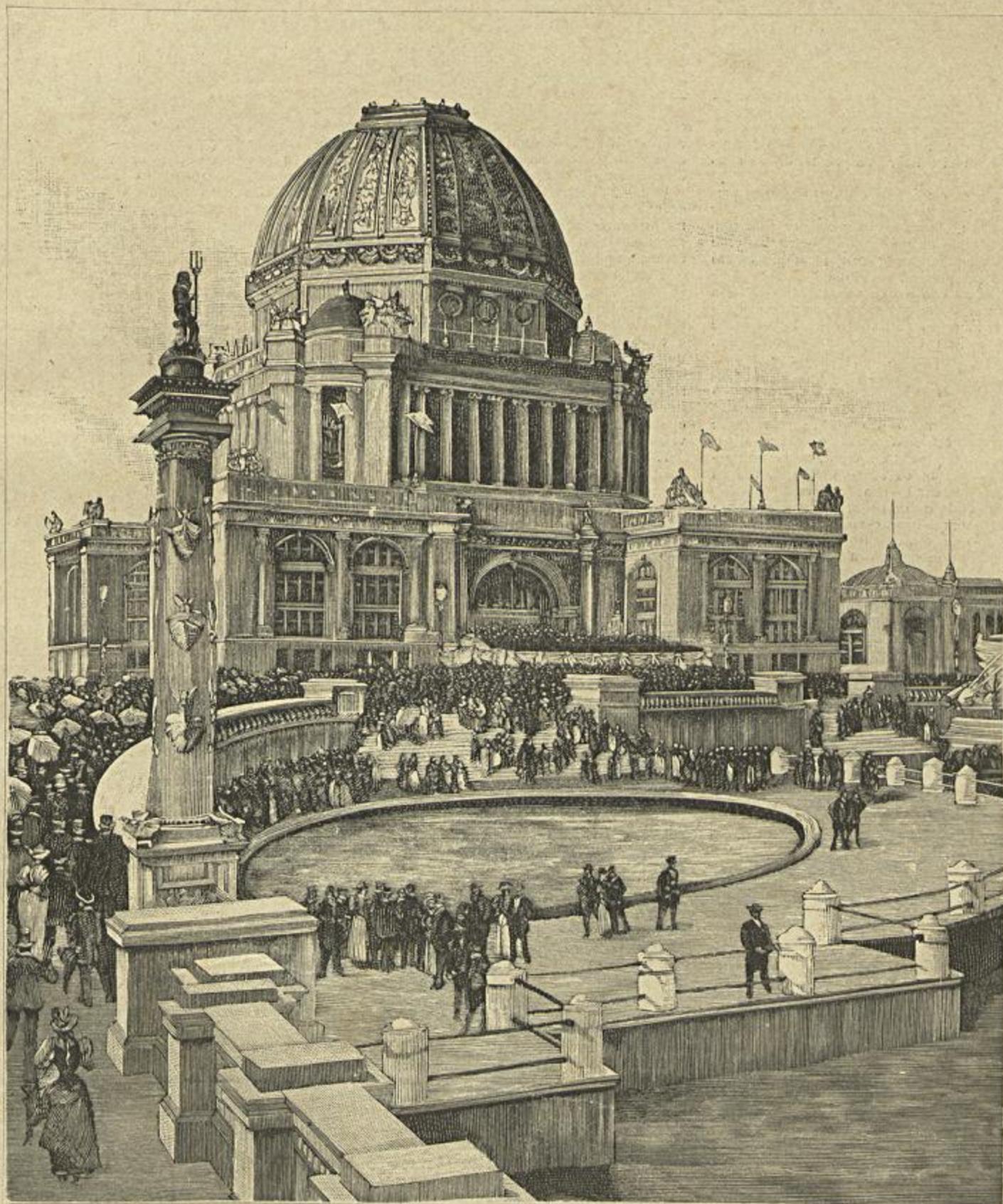
OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

XVI Anno

21 DE AGOSTO DE 1893

Volume XVI — N.º 528



A EXPOSIÇÃO DE CHICAGO — O PALACIO DA ADMINISTRAÇÃO E ENTRADA PRINCIPAL DA EXPOSIÇÃO
(Copia de uma photographia)



CHRONICA OCCIDENTAL

Lisboa n'estes ultimos quinze dias tem me feito lembrar muito a rua da Esperança do Cardal com o maltez da Brites e o cochicho da Maxima.

Eu não sei se os meus leitores sabem o que veni a ser a rua da Esperança do Cardal. Eu ignorei-o durante vinte e nove annos, mas depois vim a amargar essa ignorancia pela experiencia de cinco semestres.

A rua da Esperança do Cardal é uma ladeira muito ingreme e muito estreita que sobe da rua do Cardal de S. José, para a sua paralella da encosta dos Capuchos, a rua do Passadiço.

Este trecho do bairro de S. José, não é muito bonito; mas em compensação é muito complicado, cheio de ribanceiras e de viellas estreitissimas, que a bizarría do municipio em dia de prodigalidade honrou com o pomposo titulo de ruas, baptisando-as ao mesmo tempo com os nomes sympathicos e symbolicos de ruas da Fé, da Esperança e da Caridade, querendo assim mostrar que, já que não podia dar a esse capitulo da Alfama, perdido ali no bairro de S. José, as qualidades de conforto, de elegancia, de alegria, de salubridade e de limpeza, que constituem as virtudes dos bairros modernos, quiz ao menos dar-lhe as virtudes theologicas para elle ficar sempre tendo as suas virtudes.

Na theologia os eruditos discutem muito as primarias d'estas tres virtudes sem lograrem decidir qual d'ellas é a melhor: no bairro de S. José não ha lugar para essas discussões e indiscutivelmente a Esperança é a peor das tres virtudes, que sobem a encosta do campo de Sant'Anna.

Imaginemos uma rua muito estreita, tão estreita que quando um morador da rua abre uma janella constipa o visinho que mora delronte, tão ingreme que nunca por ella rodou um trem, senão um dia, até a um terço da rampa, um trem de praça que puchado quasi que á mão, foi ali buscar para levar para o hospital uma pobre mulher, que tinha bexigas negras, e que ainda assim escapou das bexigas mas ia morrendo do trem, uma rua que em certos pontos enche d'orgulho os beccos d'Alfama, e que alargando, lá em cima, ao pé do Passadiço vem estreitando, como um funil, até cá abaixo ao desembocar na rua do Cardal.

Em lhes dizendo que eu morava precisamente n'esse funil, na parte mais estreita da rua, escuso de lhes dizer que morava no meio da vida dos meus visinhos e que elles gritavam m'a tanto pelas portas e janellas, que eu acabei por saber muito mais da vida alheia que da minha.

Demais a mais esses visinhos eram muitos e quasi todos visinhas; visinhas pobres e que pareciam algarvias, pelo que fallavam, e como pelas diversidades dos seus modos de vida, umas se deitavam muito tarde e outras se levantavam muito cedo, quasi que não havia um unico quarto d'hora nas vinte e quatro horas que tem o dia, em que eu não estivesse ouvindo as discussões mais ou menos irritadas, — quasi sempre mais, — da vida caseira, mais ou menos interessante — quasi sempre menos! — da minha visinhança.

Não podendo já supportar por mais tempo aquelle inferno, pensava em mudar-me quando a minha filha mais velha, apparecendo um dia attacada de tosse convulsa me obrigou a partir immediatamente com ella para a provincia, á procura, na mudança d'ares, a unica cura conhecida para a coqueluche.

No dia em que parti, como que para despedida, fui acordado de madrugada, no melhor do meu somno, por um charivari diabolico.

Ao principio ouvia tantas vozes a gritarem ao mesmo tempo, que não pude comprehender de que se tratava, o que aliás me importava muito pouco.

Não entendi a letra dos coros, mas d'ali a nada duas vozes estridentes, discutindo em *sfugatto* fizeram-me perceber o acontecimento, que assim alvorocava a rua e me quebrava o somno. Tratava-se simplesmente d'um cochicho que tinha a visinha Maxima, uma engomadeira, que fôra n'essa madrugada almocado pelo gato maltez da palheireira Brites, outra visinha.

Este facto do mais fraco ser almocado pelo mais forte, facto aliás tão vulgar na historia da humanidade, dos maltezes e dos cochichos, produziu uma sensação profunda na rua da Esperança, tão profunda como se em vez do gato ter comido o passaro, fosse o passaro que tivesse comido o gato.

Levantei-me a ouvir discutir o sencional caso, a ouvir-o, me vesti, almociei, fiz as minhas malas e parti com a minha pequena para o comboy.

O meu passeio foi demorado e proficuo: an dei tres semanas por Braga, Bom Jesus, Vianna, Ponte de Lima, Valença, e depois de ter deixado pelos lavados ares do alto Minho a tosse da minha pequena, voltei com ella para Lisboa, cheguei aqui ás oito horas da noite e fui para casa.

Quando cheguei á embocadura da rua da Esperança, todas as visinhas pelas portas e pelas janellas cavaqueavam animadamente. Houve caso, pensei eu, batendo á minha porta. E emquanto esperava que m'a abrissem, ouvi trechos da discussão calorosa:

— As grades da gaiola eram muito largas, demais a mais ella enchia a gaiola sempre de fígado, e foi o cheiro da carne que...

— Não foi tal! Se o gato andasse farto, bem se importava com o cheiro da carne, mas a Brites trat-o sempre esfomeado, nem lhe compra sequer dez réis de carapaus!

Fiquei assombrado. Durante essas tres semanas d'ausencia o cochicho da Maxima e o maltez da Brites faziam ainda todas as despesas da conversação na rua da Esperança.

Ora actualmente na vida lisboeta a policia de Lisboa está fazendo o papel de cochicho da Maxima.

Ha dez dias quando escrevi a minha ultima chronica a policia de Lisboa era o acontecimento do dia, hoje chego para registrar aqui os acontecimentos da semana e encontro ainda na Berlinda o mesmo assumpto.

Ora esta persistencia d'um assumpto na famigerada tela da discussão não é nada vulgar entre nós, onde os acontecimentos mesmo os mais importantes não costumam aquecer lugar: ha porém a explicação a uma rasão forte, a mesma rasão que faz com que n'um jantar pequeno de familia, se deixe lambido o prato d'um guisado bem feito ao passo que nos banquetes opiparos, de opulentos e interminaveis *menus*, muitas das melhores e mais saborosas iguarias vão para dentro quasi que sem ninguém lhes tocar.

Essa rasão forte é a pobreza dos *menus* de casos importantes, nos mezes de verão, n'esses mezes em que os acontecimentos são de lá vem um, e quando um vem não ha remedio senão aproveitá-lo.

E depois além d'isso a policia de Lisboa anda com azar: na semana passada fez d'ella acontecimento a inhabilidade desastrada com que deixou andar a passear tres dias e tres noites pelas ruas mais centreas da cidade, um assassino, de quem tinha todos os signaes e que a desprezou tanto que nem se deu ao incommodo de se disfarçar, um assassino que ninguém sabe quantos mais dias jantaria descaçadamente no Cartaxeiro se tres populares o não tivessem entregado no Campo Grande á policia que nem sequer n'elle attentára; esta semana a policia foi de novo posta em evidencia pela aggressão cobarde de que foi victima um jornalista republicano, n'estes ultimos tempos muito fallado, aggressão que partiu d'homens, que tinham tido certas ligações com a policia.

Esse caso fez profunda sensação em Lisboa e deu mais força á campanha da imprensa contra a policia, campanha que triumphou, porque deve sahir por estes dias no *Diario do Governo*, a reforma dos serviços da policia, em que como n'outro dia dissémos, trabalha activamente o illustre ministro do reino.

D'essa reforma sabe se já algumas coisas, e essas que se sabem são boas, como não era menos de esperar da alta competencia do sr. conselheiro João Franco.

Uma d'essas coisas é a divisão dos chefes de policia, não por areas como até agora, mas por classes de serviços, o que é muito mais logico, muito mais racional e dará com certeza muito melhores resultados do que a organização actual.

Parece que tambem o elemento militar entrará em grande parte na nova organização do serviço, escolhendo-se os agentes policiaes d'entre as praças mais distinctas pelo seu comportamento e pelo seu bom serviço, das guardas municipaes e guarda fiscal.

Parece-nos muito bem entendido isto porque para a policia ser respeitada como deve, e como o é nos paizes mais cultos, é indispensavel que os seus agentes, pela sua seriedade, pela sua cordura e pela sua energia tenham direito a esse respeito, sem o qual a policia não pôde ter prestigio.

É necessario que os chefes de policia sejam bem escolhidos, mas não basta, é indispensavel tambem que os agentes, que tem que executar as

suas ordens, sejam igualmente bem escolhidos e saibam comprehender e executar os seus deveres.

Tem-se fallado e declamado agora muito contra a existencia na policia secreta d'homens de precedentes menos limpos, ou antigos criminosos, arvorados de repente em mantenedores da ordem publica.

Parece-me entretanto que não é bem d'isso que se trata e que ha n'isto uma confusão; não se trata de mantenedores da ordem publica, trata se apenas de espiões da policia secreta, o que muda muito de figura.

É claro que para representantes da auctoridade não se devem aceitar gatunos e ratoneiros; mas o que não é menos claro é que em parte nenhuma se vão buscar pessoas de bem, homens honestos, perfeitos cavalheiros para o serviço de espiões.

Na policia ha fatalmente um certo numero de serviços de que nenhuma pessoa decente se encarrega com certeza, e o serviço de espião é um d'esses.

Como a policia não tem só que tratar com gente honrada, como não pode para descobrir um crime ou capturar um criminoso apellar para a lealdade, para o cavalheirismo, para a palavra d'honra dos senhores assassinos e dos senhores ladrões, não tem outro remedio senão lançar mão de meios menos cavalheiros, menos leaes, menos gentis, mas que são indispensaveis e como, concerteza, não encontra entre cavalheiros *accomplis* quem esteja disposto a pôr em pratica esses meios, vê-se forçada a aceitar a quem esses meios não repugnem e que por isso mesmo deixam muito a desejar sob o ponto de vista do cavalheirismo.

Em toda a parte a policia usa d'esses homens para esses serviços, que são indispensaveis e entre nós, por maior que seja a boa vontade de não metter na policia senão homens de bem não ha ver remedio senão recorrer a outros para os serviços que ennumeramos, mesmo porque se homens de bem estivessem pelos ajustes de se encarregar d'elles, deixariam *ipso facto* de o serem.

O que é necessario, porem, é que essas creaturas não sejam aproveitadas pela policia senão para os serviços, que não podem ser executados senão por ellas, e não os arvoreem em sustentaculos da ordem publica e lhes não confiram poderes de auctoridade. Isso é que é grave, é que é preciso a todo o custo evitar.

E já que o governo está com as mãos na massa, era muito bom que ao mesmo tempo que o sr. ministro do reino trata de reformar os serviços da policia, o sr. ministro da justiça tratasse de reformar igualmente os serviços dos tribunaes, e já pelo seu profundo saber, já pelo seu impolluto caracter nenhum ministro da justiça podia melhor do que o actual levar a cabo essa importante reforma.

Hontem encontrei em Lisboa um amigo meu que não via ha vinte annos, e que vem agora aqui para ver se consegue ultimar uma demanda que traz nos tribunaes ha vinte e tres annos!

Ora francamente isto não pode ser! É um cumulo de crueldade e de iniquidade permittir-se que uma questão judicial dure vinte e tres annos.

D'entre os dois litigantes um hade ter razão outro não a hade ter e é tão cruel permittir que o que tem razão esteja vinte annos á espera de que lhe façam justiça, como iniquo permittir ao que não a tem, estar vinte annos a zombar com o outro.

E não é só isto, — oxalá que o fosse! — basta entrar na Boa Hora para comprehender que ha muito mais ainda a reformar nos serviços da justiça da nossa terra!

Que essas reformas se façam, e será bem empregada a tinta e o tempo que se tem gasto ultimamente com esta questão da policia, que pela sua persistencia, já quasi de *scio* me fez lembrar a historia do cochicho da Maxima, e do maltez da Brites!

Gervasio Lobato.



AS NOSSAS GRAVURAS

A EXPOSIÇÃO DE CHICAGO

Para festejar o quarto centenario da descoberta da America Occidental, resolveu o governo dos Estados Unidos organizar uma exposição univer-

sal em Chicago, a segunda cidade da America e a sexta do mundo em grandeza e população.

Não podiam os Estados Unidos honrar a memoria de Colombo com maior opulencia e mais significativa idéa, a de mostrar ao mundo o progresso das industrias n'aquella parte do globo, que Colombo pôz em communicação com a velha Europa e á qual levou as primeiras luzes da civilização.

O emprehendimento não podia deixar de ser grandioso como o paiz em que se ia realizar, e bastará saber-se que se despenderam nos diversos edificios que formam a exposição cerca de dezoito milhões de dollars ou desessete mil e cem contos de moeda portugueza, para se fazer idéa da grandeza d'esta exposição por sem duvida a mais extraordinaria que se tem feito no velho e no novo mundo.

No 1.º de maio d'este anno, é que foi inaugurada, na cidade de Chicago a grande exposição, antes porém de descrevermos esta cerimonia, parece-nos curioso dizer alguma cousa da nova cidade americana.

As grandes planices que correm ao sul do lago Michigan até o Mississipi, eram em fins do seculo xvii, um deserto apenas percorrido por alguns aventureiros canadenses ou indios semi selvagens que ali iam em busca de pelles de animaes, com que faziam bom negocio.

Data do principio d'este seculo, 1804, a construção de um forte, denominado Dearborn, que o governo dos Estados Unidos ali mandou fazer para proteger os commerciantes de pelles que ali iam procurar o genero do seu commercio, e aquelle forte foi o inicio da cidade que annos depois devia surgir na planicie com a grandeza e vida que hoje se lhe observa.

Nos dez annos que vão de 1830 a 1840, passou Chicago de aldeia de 100 moradores a cidade de 28.000 almas. Actualmente conta 1.098.576 habitantes, com magnificos edificios, e occupa ao longo da margem do grande lago Michigan a extensão de 40 kilometros.

Foi em 1837 que Chicago alcançou fóro de cidade, mas o seu grande desenvolvimento data de 1871, depois de um grande incendio em que se perderam propriedades no valor de 180.000 contos.

Este incendio durou quasi tres dias devorando a maior parte dos seus edificios. D'entre estas ruinas é que se levantou a cidade de hoje. Desde 1876 construíram-se 57.000 edificios que custaram cerca de 200.000 contos e cujas fachadas postas em linha dariam um comprimento de 500 kilometros.

O seu commercio ascende á fabulosa cifra de 1.150.000.000 contos de réis para o que o commercio de gado concorre com 180 a 200 mil contos de réis. É o maior centro de vias ferreas pois conta vinte e seis linhas distinctas e independentes. As suas industrias manufactureiras empregam o capital de 171.000 contos de réis despendendo salarios no valor de 86.000 contos de réis annualmente dando trabalho a 177.000 operarios. O producto annual das suas industrias attinge 500.000 contos de réis.

Depois de se conhecerem estas cifras comprehende-se facilmente a maneira prodigiosa como Chicago se edificou em tão poucos annos e como pode realizar a exposição que acaba de fazer.

O trafico do porto de Chicago excede de sete milhões de toneladas e o movimento de viajantes sustenta mil e quatrocentos grandes hotéis.

Os habitantes de Chicago orgulham-se com razão dos progressos e prosperidade da sua terra e tem a maior confiança na sua força não hesitando ante as mais arrojadas emprezas.

Foi assim que Chicago disputou primasias a New-York para celebrar o quarto centenario da descoberta da America com uma exposição universal.

A cidade de New York foi que primeiro teve a idéa de fazer a exposição e para isso dispunha de 22.500 contos de réis, mas Chicago dobrou a parada participando ao governo que dispunha de 45.000 contos de réis para o mesmo fim.

Em janeiro de 1891 iniciaram-se os trabalhos da exposição, sendo escolhido o grande parque Jackson para n'elle se construírem os diferentes edificios.

O parque Jackson, situado nas margens do Michigan, tinha dois terços da sua extensão no estado inculco, com terrenos alagadiços e abrangendo a superficie de 2.373.300 metros quadrados.

A'quelle parque juntaram-se os terrenos do parque Washington na extensão de 1.502.550 metros quadrados a que se deve ainda juntar a distancia existente entre os dois parques de um terreno não inferior a 300.000 metros quadrados.

Se compararmos toda esta extensão com a

que occupava a ultima exposição de Paris de 700.650 metros quadrados, vê-se quanto Chicago, leva de vantagem á grande capital do mundo, devendo ainda acrescentarmos que a area occupada pelas edificações na exposição de Chicago é de 607.500 metros quadrados enquanto que os edificios da exposição de Paris occupavam sómente 222.750 metros quadrados.

Como dissémos, a exposição occupa os terrenos dos parques Jackson e Washington ao longo do grande lago Michigan o que lhe dá um aspecto deslumbrante, parecendo, que as edificações e jardins se erguem de entre as aguas, como que por encanto.

O principal edificio que dá entrada á exposição é o da Administração, onde foi celebrada a cerimonia da abertura.

E' este edificio que a nossa gravura representa.

A cerimonia da abertura ou inauguração da exposição, realçou-se com a maior solemnidade no dia 1 de maio, como ficou dito. Em frente do edificio levantou-se um grande estrado ao qual subiu o presidente da republica sr. Cleveland com a sua comitiva, na qual figurava o duque de Veragua descendente de Christovão Colombo. Depois de um breve discurso do presidente, leu-se um poema do jornalista sr. Croffut referente a Colombo, intitulado *La Profecia*. Em seguida a esta leitura leu-se a Memoria dos trabalhos da exposição, terminada a qual o presidente pronunciou uma breve allocução, e comprimindo um botão electrico que estava sobre a mesa, pôz em um instante, todas as machinas da exposição em movimento, fazendo tambem, no mesmo instante, brilhar a agua de todas as fontes e tocar todas as campainhas dos diversos edificios da exposição. As nações representadas n'esta festa do trabalho, fizeram içar no mesmo tempo os seus pavilhões nos edificios que tem na exposição; os navios de guerra surtos no porto salvaram e um grande côro cantou a *Alleluia* de Haydn.

Estava inaugurada e aberta a exposição.

São numerosos e vastos os diferentes edificios da exposição, planeados e dirigidos pelo architecto sr. Burnham, os quaes vamos innumerar pela sua importancia.

Além do edificio da Administração contam-se os edificios das Manufacturas, da Agricultura, e annexo, das Machinas, e casa dos motores com annexos, Assembly Hall, das Minas e Mineração, da Electricidade, dos Transportes, da Horticulura, das Mulheres, do Governo Federal, das Pescas e annexos, das Bellas-Artes e annexos, de Productos Florestaes, da Queijaria, da Serração, da Musica, do Gado bovino, com estrebrias, do Restaurant e um navio de guerra. Grandes avenidas e pontes dão accesso a estes edificios, e numerosos jardins bordam as planices, onde se encontram tambem grandes tanques e fontes de agua em quantidade.

Nem todos os edificios, avenidas, jardins e pontes, etc., estavam concluidos quando a exposição se inaugurou, e só agora se acabaram os ultimos trabalhos.

Todas as nações da America e parte das da Europa e da Asia concorreram a esta grande feira do mundo, e só Portugal, que por tantos motivos ali devia occupar um dos primeiros logares se não fez representar officialmente. Não se deu esta falta por menos empenho que o povo americano tivesse em vêr ali representado o nosso paiz, antes pelo contrario manifestou os maiores desejos que Portugal concorresse áquella festa do trabalho commemorativa da descoberta da America, em que o nosso paiz teve parte importante.

Apenas a Associação Commercial do Porto, tomou a iniciativa de enviar á exposição de Chicago os vinhos portuguezes, pelo que lhe cabe muita honra, tendo o sr. Andresen posto á disposição dos expositores o seu vapor *D. Maria* para transportar gratuitamente os productos que ali quizessem mandar.

A respeito da exposição de vinhos portuguezes em Chicago, transcrevemos alguns trechos de uma carta do sr. Outeiro Ribeiro encarregado pela Associação Commercial do Porto de organizar ali aquella secção, que nos parecem interessantes:

«O nosso paiz, graças aos esforços da Associação Commercial do Porto, figura no palacio da Viticultura.

Lá se desdobra no angulo norte do pavilhão, a bandeira das quinas, que o sr. Samuels, intendente geral da viticultura, mandou alli collocar no proprio dia em que ficou definitivamente marcado e entregue o nosso espaço.

A nação portugueza, cuja empreza maritima foi o ponto de partida para a idade das descobertas,

e em cuja historia resplandeciam já os feitos triumphaes dos navegadores portuguezes muito antes da aventura de Colombo e das conquistas de Fernando e Isabel no occidente, não occupa, infelizmente, na exposição universal colombina e entre as demais nações do universo o lugar proeminente que era devido á analogia das suas tradições maritimas com a celebração commemorativa da descoberta da America.

Todavia, apesar de reduzido n'este certamen a uma posição mais modesta, em virtude de circunstancias que todos conhecem e a que é inutil fazer referencia, o nosso paiz apresenta, para assim dizer, um só artigo dos da sua produção, o mais valioso, porém. Apresenta vinhos e n'esta participação singular pôde affoutamente dizer-se que Portugal sobresahe entre as demais nações expositoras do mesmo artigo, principalmente pela variedade e excellencia das suas amostras e depois pelo gosto e asseio, com que as exhibe.

A secção portugueza de vinhos occupa, na galeria da Viticultura, uma área de 152 metros quadrados, e está situada, entre a secção franceza dos vinhos de Champagne e um dos mais frequentados restaurantes da Companhia Wellington, tendo a sua fachada principal voltada para a exposição hespanhola. Além d'esta área occupa mais, no andar terreo do pavilhão, um pequeno espaço onde tem apenas installadas doze pipas inteiramente cheias de vinho e muito bem trabalhadas, seis das quaes pertencem a uma firma portuense e as outras a um productor da Madeira.

As suas duas fachadas, construidas de madeira torneada e pintada, a imitar mogno velho, compõem-se, a principal, de arcos e cinco columnas intermediarias, rematadas no alto por outros tantos pavilhões que supportam grupos de caixas envernizadas e garrafas de vinho, com as marcas de fogo e os nomes das firmas á vista.

A armação geral é toda vasada, de modo a deixar ver de fóra a installação interior, e a servir em si mesma, para a montagem e exhibição de barris e garrafas em pyramides que armam de modo equal, para o interior e para o exterior das fachadas.

Tem duas portas, que são os dois arcos centraes, encimados cada uma pelo escudo de armas de Portugal rodeado de um tropheu de pavilhões portuguezes e americanos, e guarnecidas de duas grandes bandeiras portuguezes, trazidas do Porto, que pendem do alto dos arcos e apanham aos lados em forma de cortinados, em largas abraçadeiras azues e brancas.

A fachada lateral é exactamente do mesmo estylo da outra, com as unicas differenças de ser mais estreita, ter uma só porta mais ampla do que as duas da frente, e dois arcos lateraes.

Exteriormente, a construção é toda guarnecida de hastes com folhas e cachos de vinhas artificiaes, que assentam bem na côr escura da armação em que se entrelaçam. A' entrada, a cada porta, ha dois grandes vasos com plantas ornamentaes.

Dentro, o pavimento é coberto de oleado em xadrez, as paredes são forradas de um estofado carmezim, e as quatro largas janellas que dão para o lago são guarnecidas de cortinados do mesmo estofado com galerias que tem ao meio os escudos de Portugal e do Porto e as respectivas designações em letras douradas. A meio da sala, sobre o oleado e pelas paredes acima, levantam-se pyramides de caixas, barris e garrafas, montando o total da exposição dos nossos vinhos a uns 70 barris e 7.600 garrafas».

Depois de descrevermos a secção portugueza, que é a que mais pôde interessar os leitores, teriamos que fallar das secções dos outros paizes, mas isso levar-nos-hia tão longe, mesmo resumindo, que não cabe nos limites d'este periodico.

Deixamos dito o mais essencial, para darmos uma idéa ainda que muito incompleta da grande exposição de Chicago, a primeira do mundo se poderá chamar, aquella onde melhor se apresenta o trabalho universal em toda a sua pujança e extraordinaria força.

Não obstante toda esta maravilhosa grandeza a exposição de Chicago parece que não alcança o exito que tem tido outras exposições da Europa, muito especialmente as de Paris.

Para isso concorrem varias causas uma das principaes é a situação geographica de Chicago, extremamente distante da Europa, e talvez a guerra ciumenta que lhe tem feito New-York e Washington, cidades que lhe disputavam a primasia de fazerem a exposição.

Parece mesmo que o desequilibrio financeiro é grande, porque importando o custo da exposição 30.000.000 réis diarios, o producto das entradas e outras receitas não chega a esta cifra.

Entretanto cumpre louvar os esforços d'aquelle grande povo e admirar as suas grandes iniciativas que o tornam a vanguarda dos progressos humanos.

TUMULO DE D. IGNEZ DE CASTRO

Quem visitar o mosteiro de Alcobaça e se dirigir para a segunda nave do cruzeiro da igreja, encontrará varios mausoleus em que se guardam os restos mortaes de D. Affonso II, D. Affonso III, D. Urraca e D. Beatriz de Gusmão e entre estes mausoleus os de D. Pedro I e de D. Igenez de Castro, que a nossa gravura representa.

E' magestoso este mausoleu de marmore branco, custosamente trabalhado, com muitos quadros

mausoleu do tumulo que occupava no mosteiro de Santa Clara de Coimbra, onde fôra sepultada em 1355, depois da horrivel tragedia em que a desditosa cahira assassinada a 7 de janeiro d'aquelle anno.

A trasladação teve logar a 24 de abril de 1361, com grande pompa, sendo o cadaver transportado sobre umas andas cobertas de riquissimos pannos de oiro, e acompanhado por donas e donzellas, prelados, clerigos e grandes do reino.

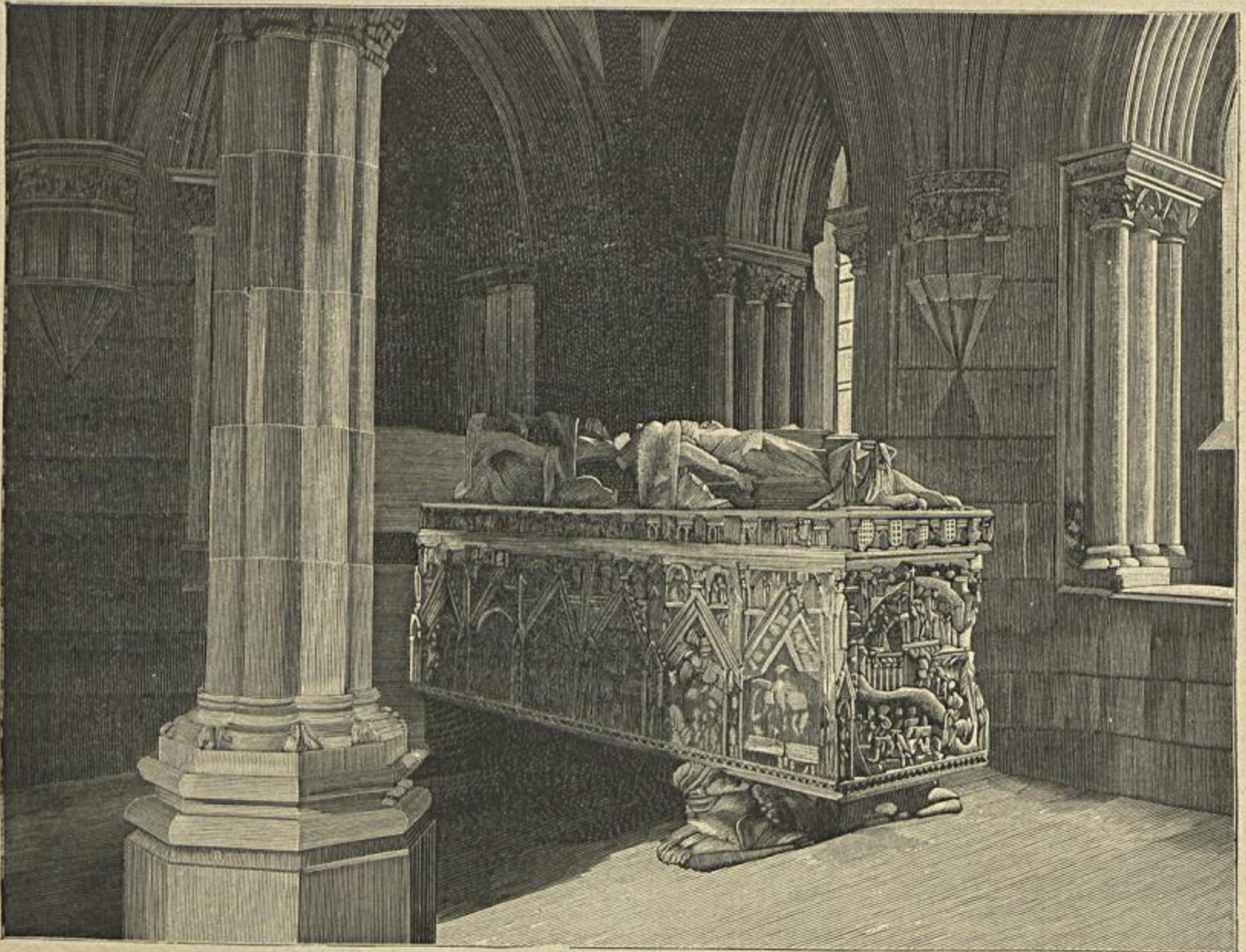
Por todo o trajecto, de Coimbra a Alcobaça, estavam postados milhares de homens com brandões accesos formando alas ao prestito, e chegado que foi o corpo ao mosteiro de Alcobaça, ali foram feitas solemnes exequias, sendo depois depositado no tumulo em que ainda hoje se acha.

duas vezes tentarem abri-lo, em 1569, por ordem de El-rei D. Sebastião, e em 1704 por ordem do archiduque D. Carlos, pretendente ao throno de Hespanha, mas o receio de estragar tão preciosa obra d'arte que offerencia difficuldade de abrir sem se damnificar, fez desistir de tal empreza.

O respeito guardado então por tão preciosa reliquia, foi despresado pelos soldados de Napoleão que sob o commando de Massena invadiram Portugal em 1810.

A cubiça de encontrarem algumas joias de valor, levou-os a quebrarem o tumulo damnificando tambem a estatua á qual mutilaram o nariz.

Ainda hoje se conservam no mausoleu os vestigios d'aquelle desacato, sendo para lastimar que não se tenha restaurado tão primorosa obra de



TUMULO DE D. IGNEZ DE CASTRO — NO MOSTEIRO DE ALCOBAÇA

(Cópia de uma photographia)

em baixo relevo e grande numero de lavoures e figuras de santos, mettidos em nichos ao longo das paredes lateraes do tumulo.

Em volta de todo o mausoleu, no friso superior acham-se esculpidos brazões das armas portuguezas alternados com os brazões dos Castros. Na face do tumulo que fica do lado dos pés da estatua, vê-se um baixo relevo allegorico ao juizo final.

Sobre o tumulo descança a estatua de D. Igenez de Castro, deitada e vestida com insignias de rainha, cercada de seis anjos que de joelhos, uns lhe seguram a almofada em que a desditosa amante de D. Pedro I descança a cabeça e outros a insensão graciosamente com thoribulos.

A estatua é de primorosa esculptura, se attendermos á epoca em que foi feita, assim como todo o trabalho do mausoleu.

Foi o corpo de D. Igenez trasladado para este

É da tradição, tradição a que alguns auctores dão foros de verdade, que na occasião d'esta trasladação, D. Pedro ao mandar exumar o cadaver da sua querida Igenez, o fizera adornar com vestes e insignias-reaes e sental-o em um throno a seu lado onde dera beija-mão. D'isto, porém, não se encontra documento algum, nem nas chronicas do tempo se faz referencia de tal facto.

E' de crer, pois, que esta tradição, não passe de lenda que o povo inventou e que não repugnou a Camões, na sua grande imaginação de poeta, aceitar quando falla, na sua sublime linguagem, dos amores de Igenez n'aquelle verso.

Aconteceu da misera e mesquinha
Que, depois de ser morta, foi Rainha

O tumulo de D. Igenez de Castro conservou-se intacto até o principio d'este seculo apesar de por

arte que é ao mesmo tempo um monumento historico.

UMA NADADORA

ESCUPTURA ITALIANA

A gravura que publicamos representando uma formosa esculptura italiana, tem n'este momento um certo interesse de actualidade, estando na epoca balnear, em que as praias começam a povoar-se de banhistas, offerendo o espectáculo mais animado.

São numerosas as praias de Portugal onde, n'esta epoca se reúnem as mais gentis nadadoras, porque os banhos do mar tem perdido o caracter que d'antes tinham de remedio custoso de fazer, pelo receio que se apossava da maior par-

BELLAS-ARTES



UMA NADADORA
(Copia de uma escultura italiana)

te dos banhistas para quem o banho no mar constituía um verdadeiro sacrificio.

Hoje os banhos do mar, são, por assim dizer, um divertimento dos mais animados para a sociedade elegante, e vae-se para elles com a mesma alegria com que se vae para o campo gosar o bom ar e a frescura dos bosques, n'esta epoca de calor.

A arte de natação já hoje é tambem do dominio do bello sexo, e já vae sendo raro que uma menina ou mesmo uma senhora não saiba nadar com a mesma agilidade e força que o sexo forte, mas com muita mais graça e elegancia, principiando pelas *toilettes* que se fazem para entrar no banho.

Effectivamente o *toilette* para um anadadora tem exigencias que não são precisas para se tomar um banho pacato, agarrada a corda ou ao banheiro.

A necessidade dos movimentos livres impõe-se fatalmente e por isso a necessidade de deixar mais a descoberto as formas do corpo que muitos olhos indiscretos não se furtam a mirar.

E' assim que a nadadora que a nossa gravura reproduz, se apresenta n'um *toilette* bastante ligeira, que tanto quadra á liberdade de movimentos como á temperatura elevada da estação em que todo o vestuario afronta por mais leve que seja.

E' um modelo assim que inspirou ao artista italiano a sua bella obra, na Italia bem entendido, que nas nossas praias seria difficil encontrar um modelo tão fresco no traje, embora se encontrem muitos ainda mais frescos na louçania e formozura.

Não é assim, gentis leitoras ?

UMA FESTA VALENCIANA

QUADRO DE NICOLAU HUGUET

O quadro que reproduzimos em gravura é de um artista valenciano, que despertou a attenção do publico em uma das ultimas exposições d'arte de Barcelona.

Representa com rara fidelidade costumes da provincia de Valencia. E' uma festa no campo depois da vindima, onde as familias reunidas em alegre convívio, cantam e dançam depois de uma bella merenda.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE APRECIADO PELOS INGLEZES

I

N'este momento em que, graças á iniciativa de um homem benemerito, vae Portugal pagar finalmente a Affonso de Albuquerque, que tanto honra a sua historia, a sua divida de seculos, é bom que mostremos a enorme ingratidão de que temos dado provas, e sobretudo que reconheçamos a injustiça flagrante com que nos temos tratado a nós mesmos, esforçando-nos por nos descreditarmos e por nos apresentarmos como um povo absolutamente incapaz de ter representado na historia um papel predominante. Houve uma escola que primou em deslustrar o nosso passado, em pintar os nossos grandes homens como um grupo de bandidos e de ineptos cujas acções foram para a patria uma deshonra e uma vergonha.

Houve uma geração que acolheu com applauso estas sacrilegas affirmações, e que se ufanou de ter vilipendiado os seus antepassados! Quando alguns escriptores, estudando com sinceridade a nossa historia, protestavam indignados contra semelhante desnorteamento, provavam que não fóra injustamente que a historia collocara este pequeno povo na lista das nações immortaes, benemeritas da humanidade e da civilisação, esses escriptores, entre os quaes se contava o humilde signatario d'estas linhas, eram escarnecidos pelos desdenhosos grandes homens, que incapazes de estudarem a fundo um documento e não tendo como guias da sua erudição senão os livros superficiaes e futeis de escriptores estrangeiros que ignoram completamente a historia portugueza, consideram como chocho patriotismo, como *chauvinismo* ridiculo essas justas e honradas reivindicações de todas as velhas glorias nacionaes.

Passou um pouco o prestigio d'esses renegados, e bastantes acontecimentos dolorosos vieram acordar e estimular o nosso patriotismo. A verdade, porém, é que a nossa verdadeira historia é ainda muito ignorada, que ainda se não comprehende que fomos um povo verdadeiramente colonizador, porque só sendo-o é que, pequenos como eramos, podiamos ter feito o Brazil, que soubemos, como os Romanos, inocular

as nossas tradições e o nosso sentimento nacional no espirito dos povos que conquistavamos, porque só assim conseguiriamos ter na India, onde nos succederam nações muito mais poderosas, o prestigio que bem podemos reconhecer na campanha do Padroado e da Propaganda Felizmente — ainda que seja para vergonha nossa — é nos livros dos nossos mais fidaes inimigos que vamos encontrar o reconhecimento d'essa grande verdade, em Portugal quasi desconhecida e é n'um livro inglez que o auctor d'este artigo tem a ufanía de encontrar a confirmação das suas opiniões acerca de Affonso de Albuquerque, opiniões consideradas pela geração moderna dos escriptores portuguezes como filhas de uma papalva veneração pelos heroes da lenda nacional.

Um escriptor, inglez, realmente notabilissimo, o sr. Morse Stephens, está publicando uma serie de livros acerca dos dominadores da India *The rulers of the India*. Entre elles figuram os grandes vultos da conquista ingleza como Warren Hastings e muitos outros, os grandes vultos da conquista franceza como Duplex e na serie d'esses livros figura um em que respandece este grande nome *Albuquerque*. Será por acaso uma simples transigencia com os factos historicos, e pareceria ao escriptor inglez injusto que se citassem todos os conquistadores europeus sem se citarem tambem os primeiros de todos, pelo menos na ordem chronologica — os Portuguezes! Não: eis como começa o prefacio d'esse primoroso livro, publicado em Oxford, em 1892:

«Affonso de Albuquerque foi o primeiro Europeu depois de Alexandre o Grande que sonhou estabelecer um imperio na India ou antes na Asia governada da Europa. O periodo em que elle combateu e dominou no Oriente é um periodo de captivador interesse e de grande importancia historica, e merece mais attenção do que a que tem recebido do povo inglez, na sua qualidade de raça que presentemente domina na India. O dr. A. C. Burnell, primeira auctoridade em questões historicas indianas diz na sua nota prefacia á *Tentativa de uma lista de livros e de alguns manuscriptos relativos á historia dos Portuguezes na India pro: riamente dita*: «No decurso de vinte annos de estudo relativos á India, achei que a historia dos portuguezes foi vergonhosamente descurada. Tentando obter melhor informação, achei que a verdadeira historia dos Portuguezes na India dá a mais importante de todas as direcções para a actualidade, e que as asserções feitas vulgarmente acerca d'essa historia são completamente falsas especialmente no que diz respeito á historia e clesiastica».

Foi em conformidade com estas ideias que o sr. Morse Stephens procurou estudar conscienciosamente a historia não só do grande Affonso de Albuquerque, mas em geral do dominio portuguez na India, correndo apenas muito perfunctoriamente pelo dominio ecclesiastico, que tanto interessava Burnell e que está fóra do ponto de vista de Stephens.

Não lhe escapou um só dos livros documentaes que podiam interessal-o e esclarecer a historia do governo de Affonso de Albuquerque. Tudo conhece desde os *Commentarios* do grande homem até ás *Cartas* recentemente publicadas pela Academia Real das Sciencias, desde as *Decadas* de João de Barros até as *Lendas* de Gaspar Correia. O estudo dos textos portuguezes é feito com um cuidado maravilhoso, mas o que torna o livro para nós ainda mais precioso é que tambem elle ponde estudar as chronicas indianas do seculo XVI tão descuradas pelos nossos escriptores, e que os inglezes leram e traduziram. D'este livro, que é uma honra e uma gloria para Portugal, vamos dar aos nossos leitores como que um extracto, de fórma que possamos bem fazer apreciar o seu contheúdo, sem tirarmos a vontade de ser lido no original ou no seu conjuncto. Vamos desempenhar simplesmente o papel de *cicerone* junto d'este pequeno monumento erigido em Oxford á memoria de Affonso de Albuquerque e á gloria de Portugal no seculo XVI, e que não é de certo menos honroso do que o que lhe vae ser erigido na praça de Belem.

(Continúa)

Pinheiro Chagas.

A INDUSTRIA DAS RENDAS

Ao III.º Ex.º Sr. Dr. Jayme Mauperrin Santos

VII

As rendas de Vianna, Setubal, Olhão e Horta. Divisão d'estas zonas rendíferas. Subsídios historicos.

Depois de Peniche, é Vianna, o lugar de Portugal, em que se fabricam melhores rendas, e, estas são tão boas como as de Peniche cuja fama só

provém do fabrico ser simplesmente mais antigo.

No livro, *Portugal a l Exposition*, já citado, explica-se um pouco o alargamento d'esta pequena industria:

«A exposição das rendas merece que ahi nos detenhamos. A industria das rendas em Portugal tomou ha um quarto de seculo notaveis desenvolvimentos, e não se passa um anno sem que a produção se acrescente e a manufactura se aperfeiçõe. Só as mulheres se entregam a este trabalho de paciencia, especialmente em Vianna, na Horta, em Setubal e em Peniche. Nada mais triste que a vida das pobres operarias, cujo trabalho é tão monotono e tão pouco remunerador.»

Isto dizia-se em 1878. Hoje, as cousas ainda não mudaram.

Vianna, é para nós, a segunda zona rendífera á qual pertencem, Villa do Conde, Ovar, Apulia, Exposende, Avolumar, e tantas outras localidades, do norte do paiz, em que se produzem rendas.

Em Vianna e Villa do Conde é muito florecente esta industria, apresentando duas variedades: rendas de linha e entremeios cuja largura varia de um a trinta e seis centímetros com os preços de trinta réis a dois mil réis o metro. Trabalham, em Vianna, nas rendas, mais de trezentas feitureiras cujos jornaes medeiam de vinte a cem réis e empregam de dezoito a duzentos e oitenta e oito bilros.

A linha uzada é a nacional, de Guimarães, e tambem a franceza.

Pinho Leal, diz que: «ha duas ou trez senhoras que compram estas rendas ás feitureiras e as exportam principalmente para o Brazil; encontram as peças, escolhendo o gosto, e, uma d'ellas, Thereza de Passos Sacadura, tem obtido nas exposições, varios premios e vende annualmente oito mil metros de renda, termo medio.»

Esta zona é importantissima pelo grande numero de povoações que se occupam n'esta industria o que se explica por serem pequenos portos e lugares em que a maioria dos habitantes são pescadores. Podemos quasi que dizer:

— Aonde ha redes, ha rendas.

Terceira zona, Setubal. A industria das rendas, n'esta formosa e rica cidade do além — Tejo, occupou em epocas pouco distantes, muitas mulheres, quasi todas pertencentes á classe pobre e principalmente as do bairro de Troino.

São de grande perfeição essas rendas e uma amostra de renda antiga de Setubal, que vimos, era igual ás melhores do estrangeiro.

Na Exposição Nacional de 1863, foi a camara de Setubal, bem como as de Villa de Conde e Vianna, premiadas com medalhas de prata, pelos artefactos, que expozeram, pertencentes á industria das rendas de bilros.

Actualmente, esta industria, tem decahido muito, devido á fundação das fabricas de conservas, que attrahindo as mulheres, por causa de melhor salario, as rouba ao mister de rendeiras.

Existe, em Setubal, uma escola que tem o nome de *Escola Industrial D. Amelia* e cuja parte official tem uma secção de rendaria em que o programma respectivo legisla:

1.ª classe (preparatoria):

a) Ferramenta e nomenclatura geral (portugueza) do officio.

b) Rendas de bilros: pontos simples, meio ponto, ponte de rede, ponto torchon, ponto de Dieppe, ponto de rosa, ponto portuguez ou filagranna, ponto de virgem, ponto de Valenciannes, ponto de Bruxellas, ponto de filete, ponto inteiro.

c) Cópia de piques e desenhos dos trabalhos executados e a executar.

2.ª classe (complementar):

a) Rendas de tule, mignardise, frioleiras.

b) Rendas de bilros, pastilhas, tranças, picôts e suas applicações.

c) Rendas de tule, filete e d'applicação.

d) Cópia e desenho de piques apropriados.

3.ª classe (desenvolvimento):

a) Ponto de Macramé applicado ás rendas.

b) Exercícios e applicações das especies aprendidas.

c) Cópia de desenhos apropriados ás diversas especies (motivos nacionaes).

4.ª classe (de aperfeiçoamento):

a) Renda portugueza (tresmalho) irlandeza, de Smyrna, Retecilla, Veneziana.

b) Feitura de piques.

c) Composição graphica e adaptação.

5.ª classe (de tirocinio):

a) Execução de peças complectas nas diversas especies.

b) Serviço de decurião por escala nas classes precedentes.

Este programma, redigido pelo illustrado inspector o ex.º sr. Luciano Cordeiro, em 1892, deu

já os seus fructos, e tanto que, esta escola se nos apresenta na exposição Industrial nos Jeronymos, de modo tão satisfactorio que só a desejar, ha, que se continuem os esforços que se invadam para tão bellos resultados.

Ainda, a esta zona pertencem as rendas produzidas em Cezimbra.

Olhão, quarta zona; sob a denominação de rendas de Olhão, se encontram aquellas que se produzem no nosso littoral austral. São de boa qualidade, e, umas rendas enviadas á exposição de Paris, em 1878, mereceram estas palavras dos srs. Lamarre e Lamy:

«Duas bellas amostras de rendas feitas á mão em coxim de bilros, são expostas por Mademoiselle Maria da Conceição Correia, de Olhão.»

Horta, quinta zona, n'esta divisão comprehende-se todas as rendas fabricadas nos Açores, especialmente na ilha do Fayal. Tambem aqui agregamos as que se fazem na Ilha da Madeira e que já foram muito notaveis. Essas rendas eram feitas á agulha de meia, sobresahindo entre os artefactos d'essa manufactura bellos chailes de torçal mui apreciados. Ha tambem, no Funchal, uma escola industrial.

Miss Bury Palisser, no seu primoroso livro intitulado *The history of lace*, diz: que as rendas da Madeira se assemelham exactamente ás da Hespanha. N'outro lugar diz, que as rendas para travesseiros se faziam na Madeira havia já uns cincoenta annos. Não sabemos em que epoca isto foi escripto.

Para terminar, transcreveremos, mais, com a maxima reserva, algumas linhas, do apreciavel livro de miss Bury Palisser. Este livro, é raro, ha uma traducção franceza pela condessa de Clermont Tonerre, que tambem não é vulgar. Na Bibliotheca Nacional não existe alguns d'elles e o exemplar, em inglez, que consultámos pertence á ex.^{ma} Condessa d'Edla, uma nobre e illustre amadora de bellas rendas, que ha alguns dias, o emprestou á ex.^{ma} sr.^a D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro, a quem devemos a fineza de o termos consultado. Nós já o conheciamos pelas investigações feitas, mas só agora tivemos azo de o estudar.

Eis o que vimos de interessante, e que, repetimos, transcrevemos e trasladamos com a maior reserva, pois que, não nos foi possivel ratificar, verificando a verdade:

«O ponto de renda era feito em Portugal tão bem como em Hespanha e cotado n'um alto valor e apreço. Não era uma manufactura regular, mas formava o entretenimento das freiras, e d'algumas outras mulheres que trabalhavam em suas proprias casas executando obras de encomenda»

«Em 1729, quando a princeza Barbara, irmã de D. José I, rei de Portugal, aos desasete annos de idade, casou com o principe Fernando, de Hespanha, ella reparou para a egreja da Madre de Deus á beira do Tejo, e ahi solemnemente offereceu á virgem as joias e o vestido, que era do mais rico ponto de renda portugueza, que lhe tinha servido no dia dos seus esponsaes. Esta renda é descripta como a mais rica e magnifica, estando o vestido, cerca de cem annos exposto, n'uma caixa com tampas de vidro, aos admiradores, até que na occupação da peninsula pelos francezes a duqueza d'Abrantes, ou um dos generaes do imperio, suppe-se ter-se retirado d'aqui com elle.»

«Quando Lisboa se levantou das suas cinzas, depois do terrivel terramoto de 1755, o marquez de Pombal, fundou grandes manufacturas de rendas, que foram progredindo sob os seus auspícios. Wraxall, nas suas memorias, menciona ter visitado essas fabricas.»

«Vinte annos depois, fazia-se em Lisboa e suas cercanias uma quantidade consideravel d'uma renda branca grosseira que principalmente se exportava para a america do Sul.»

(Concluido).

Esteves Pereira.

DO NYASSA A PEMBA

(EXCERPTO)

OS MAKUAS

«Os Makuas occupam o territorio que se estende desde Cabo Delgado até Angoche. A sua historia é desconhecida. Parecem ser raça autochthona ou aborigena da propria região que habitam.

Dividem-se em varios grupos, destacando-se de entre elles os Medos, os Lomués, os Makondes e os Mavias; subdividem-se em numerosas tribus mais ou menos poderosas, perfectamente independentes entre si.

Os caracteres physicos dos makuas propriamente ditos têm uma tal ou qual semelhança com os dos cafres, embora não indiquem tanta mistura de sangue e antes revelem o parentesco com o puro typo negro.

Assim, são mais escuros do que os cafres, mais delgados, as pernas mais seccas, os membros mais desproporcionados: são quasi sempre prognathas e dolicocephalos, e mais plahyrinios.

Distinguem-se de tribu para tribu pela forma do penteado, pelo modo de limar os dentes, e principalmente pelas tatuagens, quasi sempre no peito e profundas, e sempre, e ás vezes conjunctamente, na testa sob desenhos diversos, em que predomina o crescente.

A região dos makuas que é fertil, talvez os não conte por menos de 100:000.

O vestuario dos makuas propriamente taes é de uma simplicidade extraordinaria: duas a tres braças de algodão branco, a que chamam *Merikana*, ou azul escuro, que então designam por *lo-pa*, enroladas em volta das nadegas; por debaixo uma tira tambem de algodão que lhes vem dos rins á barriga, presa de ambos os lados em um cordão ou linha, em geral, de fibras vegetaes, e ao que chamam *langutin*. Este é commum, não só ás mulheres, mas a quasi todos os povos d'esta costa, excepção feita dos cafres.

E esse o traje de guerra, para a qual o guerreiro abandona qualquer outro complemento adventicio de vestuario, para só se carregar com o seu armamento. Os makuas entregavam-se até ha pouco a luctas constantes com o fim de aprisionar desgraçados que depois vendiam aos arabes.

As mulheres gosam entre elles de uma consideração que não é vulgar vér dispensar ás suas congeneres nas outras raças africanas. Usam quasi todas o *pelele* que é, como se sabe, uma especie de botão grande de madeira, enfiado no beijo superior; para isso, logo em novas furam-lhe o beijo com uma agulha, e vão-lhes successiva e gradualmente introduzindo palhas e boccados de madeira cada vez mais grossos. Assim chegam a ter ás vezes o beijo por tal modo disforme que, segundo refere um viajante inglez, em mais de uma lhas tapa quasi os olhos quando se riem. Na costa porém, não usam o *pelele*, nem mesmo uns enormes tarolos de ebano com que tambem muitas costumam adornar as orelhas fazendo-as pender até ao pescoço. O *pelele* só se tira em occasião de lucto, e a makua casada tem-lhe tanto amor como uma branca á alliança de casamento. Usam tambem muitos collares de missanga, pulseiras nos braços, anilhas nas pernas. Cabellos em geral, curtos.

São as mulheres que semeiam, que cultivam, que trabalham. As terras são propriedade sua, e como tal, conservam-nas ainda em caso de separação do marido, bem como aos filhos. Têm direitos perfectamente eguaes aos do homem; é frequenté até vér mulheres chefes de tribu.

O homem, em tempo de paz, nem cultiva nem trabalha. Vimos até, mais de uma vez, makuas acocorados junto a uma palhota, á sombra de um coqueiro, ou junto aos caminhos por onde passam os arabes, a jogarem, inclusivé as cartas, ou em taboleiros cavados no chão, uma especie de jogo das damas.

Alguns rapam inteiramente a cabeça, deixando seguir ao longo d'ella, da nuca á testa, uma especie de crista da largura de dois dedos, formada pela carapinha cuidadosamente penteada, e frequentes vezes entretecida com contas vermelhas, a que elles chamam *mungaf*. Outros rapam a parte posterior até ás orelhas, e pelo alto, deixando na frente, de orelha a orelha, uma facha de carapinha como as que usam os clowns. Ainda outros rapam só um dos lados da cabeça. Está em uso entre elles a circuncisão.

Cada tribu é governada por um chefe e pelo conselho dos grandes, ou velhos.

Os homens quando casados, e em tempo de paz, consideram-se libertos de toda a auctoridade, reunindo-se em geral variadas tribus, em tempo de guerra, sob o commando do mesmo chefe (de Froberville).

São tidos como excessivamente ferozes em tempo de guerra; no entanto não nos parece fundada a supposição, por isso que, encontrando os mais de uma vez diante de nós, com meia duzia de tiros disparados pelos nossos poucos companheiros, dispersámos dois ou tres mil guerreiros, que se puzeram em debandada.

Não se infira, porém, d'aqui que sejam incapazes de dar provas de coragem, uma vez que, persuadidos de sua força e convencidos do seu valor, operem sob a direcção de chefes de sua confiança.

Effectivamente temos observado que com pre-

tos o melhor processo de transformar os timoratos em valentes, os cordeiros em leões, é convencel-os da propria valentia e do pavor que incutem no inimigo.

A morte do makua, quando se não dê em combate, é inevitavelmente attribuida a qualquer feiticcio, que por isso é submettido á prova do veneno, de que raramente escapa.

Os makuas teem em geral grande predilecção pelas harengas, prazer que os leva ao ponto de as anteporem á dança. Têm ainda assim, os seus menestres que chegam até á costa.

O makua acredita na existencia de um ente superior, a que chama *Molungo*, e de um outro ser, principio do mal, que designa por *Mnepe*. Muitos teem adoptado o islamismo, mercê das relações com os mahometanos arabes e indios.

Os chefes, assim como, em geral, na Zambesia, usam uns bastões como insignia e indicação da sua jerarchia.

Conservámos um com que, em 1886, fomos presenteado pelo regulo makua Pisamuno. Era um grosso bastão de ebano, tendo na extremidade um sacco de pelle de bufalo, em forma de funil, onde estavam mettidos um machado indigena, uma enchada e uma ponta de gazella ligada a uma cauda de bufalo.

Assim quando o regulo pretende o auxilio de qualquer dos seus visinhos para uma expedição de guerra manda-lhe pelos emissarios um ferro de machado; quando convida os caçadores proximos para qualquer excursão venatoria envia-lhes a ponta de gazella com a cauda de bufalo; quando, finalmente, precisa de carregadores ou quando quer comprar sob palavra, manda apresentar como signal pelos encarregados especiaes a folha da enchada.

A offerta que o regulo nos fez suscitou grandes reparos da parte dos seus grandes, reparos que só se desvaneceram quando vieram no conhecimento de que eram tambem contemplados nos presentes que fizemos a Pisamuno.

Como o paiz dos makuas é extraordinariamente abundante em cajueiros, cujo fructo é de farta e facil colheita, muito a miudo se vê, como nós vimos, em volta da arvore, as mulheres apanhando o fructo, pisando o logo em grandes pilões, e ser distillado, mesmo alli, com singular cuidado e amor pelos maridos que com o liquido se embriagam para muitissimas horas.

Os alambiques alli tão usados, por essa razão, são de simples e curiosissima confecção: duas panellas, um cano de espingarda, um pouco de barro ou mataca, e uma mecha de algodão bravo do algodoeiro mais proximo, eis tudo.

Uma das panellas fecha-se inteiramente com barro depois de lhe ter introduzido, superior e lateralmente, a bôcca da espingarda, que vae pelo lado do ouvido assentar na bocca da outra panella; d'ahi pende a mecha de algodão. O cano corre sobre uma calha arranjada com a casca de qualquer arvore, e por essa calha se vae lançando agua. O funcionar do apparelho é assim facil de perceber: faz-se fogo na primeira panella, e os vapores vão-se condensar no cano, conservado a baixa temperatura, e pela inclinação d'este o liquido vae gottejar atravez do algodão na segunda panella, d'onde passa para o estomago avido do operador.

O sustento dos makuas, aliás bastante sobrios, compõe-se particularmente de mandioca, a que chamam *farina*, ou *macaca* depois de secca ao sol, do feijão miudo, de milho e de arachideas; e ainda, quando porventura lhes faltem mantimentos, dos fructos do mangal, se na costa, e da palmeira, se no interior.

O paiz por elles habitado é, como se disse, de uma pasmosa fertilidade. Os cajueiros, as laranjeiras, os limoeiros formam extensas copas, a cuja sombra passam os seus ocios, estendidos nas *fumbas*, (esteiras).

O que fica descripto dos makuas propriamente ditos é tambem applicavel aos makuas da região do Medo.

Ao sul d'esta região, desde a costa até ás nascentes do Lugenda, ao longe do Lurio, vivem os *Lomués* ou *Molomues* que sendo tambem makuas pela origem e pelos caracteres physicos, são um povo á parte, formado por diversas tribus com um dialecto geral diverso do d'aquelles.

Até ás viagens de O'Neill eram tidos por ferozes e temiveis; todo o estrangeiro que lhes pretendesse atravessar o paiz tinha que procurar previamente auctorisação para isso, sob pena de morte certa. Aquelle illustre viajante, porem, voltou dizendo o contrario; foram-lhe muito hospitaleiros, e apenas os encontrou timidos.

Nós tambem chegámos até oeste d'esse paiz, e sob as nossas ordens serviram os fieis companhei-

ros do viajante inglez os mujojos, Daucali e Hassan; tivemos informações fornecidas pelos grandes de Licungo e da Maganja; ouvimos o illustre sertanejo portuguez, Romão de Jesus Maria; e todos concordaram em attestar que os homens são serviçaes e pacificos, e os seus campos fertilissimos e de uma magnifica cultura »

João Coutinho.



REVISTA POLITICA

Se esta quadra de calor e vilegiaturas vae falha de questinculas da politiquice da terra, com que o espirito publico costuma entreter-se quando a cigarra não canta, nem por isso temos falta de factos politicos de certa importancia, que prendem mais com a publica administração e que mais devem interessar o publico.

Um d'esses factos foi o lançamento do cabo telegraphico para os Açores, melhoramento ha tantos annos reclamado, mas ainda não realisado, apesar de todas as tentativas feitas para o conseguir.

Ainda no anno passado fôra contratado o lança-

gueza, não acreditamos em nenhuma reforma que se façam dentro d'este meio social, e para isso temos sobejas razões na imperfeição de todas as reformas que se tem feito e até no modo e processos porque se está pedindo a reforma da policia.

A desorientação é manifesta; cada qual elama de seu modo, firma-se nos mais disparatados argumentos, e por mais sabia que seja a reforma que o sr. ministro do reino está elaborando, estamos certos que ella não satisfará a muitos que estão clamando por ella.

Se a actual organização da policia cahiu em censuras e abusos que se pretendem evitar, não é porque essa organização fosse má, mas porque os homens e as contingencias a desvirtuaram. O que succedeu agora, succederá com outra qualquer organização que lhe dêem, porque o meio social e os homens são os mesmos.

Uma das coisas que mais tem desmoralizado a policia são as eleições. Se na reforma que se está fazendo tirarem toda a collaboração da policia naquella função da nossa vida constitucional, ter-se ha dado um grande passo para a moralidade e independencia do corpo policial. Ora é precisamente este passo que nós duvidamos muito que se dê, e, portanto lá lhe fica o germen que hade inutilisar a nova reforma.

Isto é muito mais importante que a policia ser-



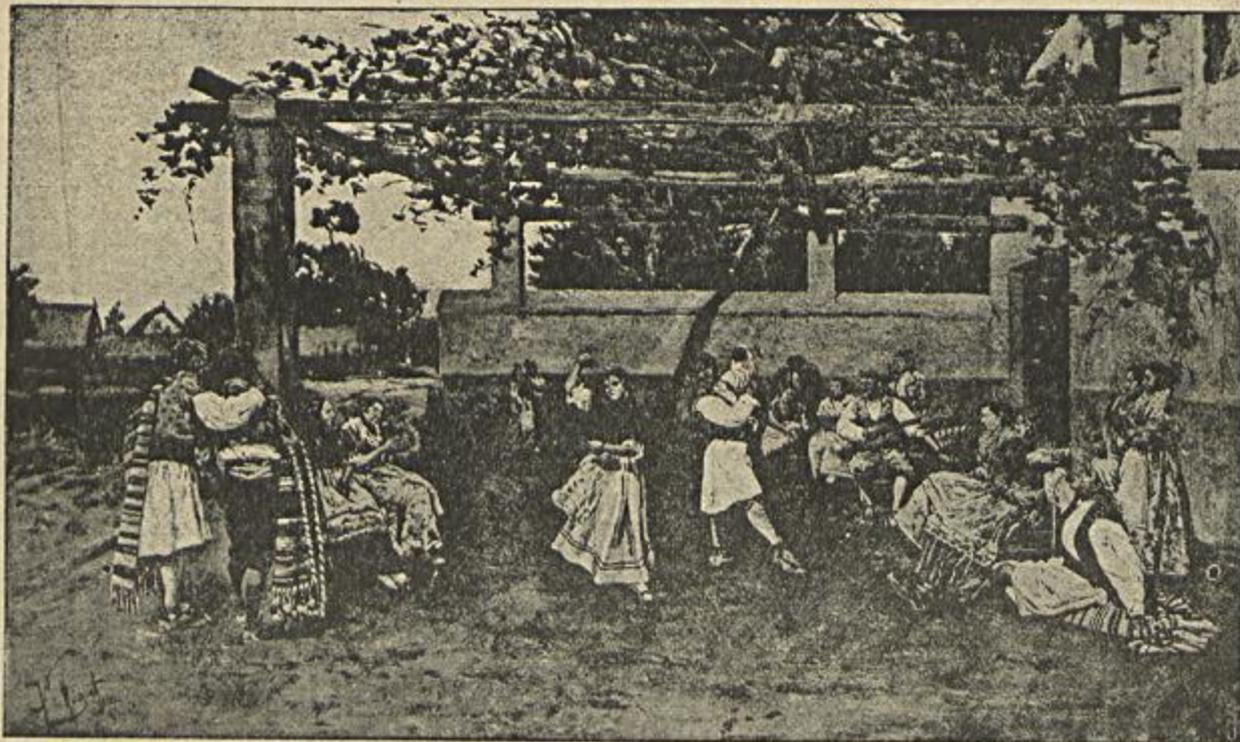
Recebemos e agradecemos.

PUBLICAÇÕES

Do Nyassa a Pemba. Os territorios da Companhia do Nyassa; o futuro porto commercial da Região dos Lagos por João Coutinho. Lisboa typ. da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Brão, 50.

Simplemente, bello e cruississimo este livro do sr. João de A. Coutinho, lê-se com o agrado que se leem todos os livros que delectam, e comtudo o assumpto não é dos mais delectaveis, mas a forma da descripção, a maneira de expôr os subsidios e elementos expendidos, são tão attrahentes que se é obrigado a ler o livro d'um só hausto.

As riquezas africanas, ahí catalogados, são tão bem descriptas, os costumes tão bem observados e expostos que — sem quereremos offender ou melindrar sequer auctores africanistas bem illustres — dizemos, ser um dos livros que sobre a Africa, temos compulsado e encontrado maior utilidade pela grande copia de elementos de estudo, amenizados pela curiosidade — preparada talvez, mas,



UMA FESTA VALENCIANA — (QUADRO DE NICOLAU HUGUET)

mento d'este cabo com uma companhia franceza, mas a dita companhia não poude cumprir o contracto feito e perdeu o deposito, ficando tudo como d'antes.

Agora a concessão foi feita á *Telegraph Construction and Maintenance Company* e o lançamento do cabo é já um facto consummado.

Ora o lançamento d'este cabo é um facto de alta importancia politica quer o encaremos sob o posto de vista de um melhoramento de primeira ordem para as relações do archipelago dos Açores com o continente, quer consideremos que é mais uma concessão que fazemos á Inglaterra que assim vae monopolizando toda a rede telegraphica submarina.

Registremos o facto e passemos adiante.

A reforma da policia, é o que mais está prendendo a attenção publica. Tambem lhe havia de chegar a sua vez, n'esta febre de reformas em que temos andado ha uns annos a esta parte, e chegou deveras porque são geraes em toda a imprensa os clamores pedindo essa reforma.

Nós estamos de accordo que se façam todas as reformas, mas sempre diremos que a primeira, a principal, aquella de que depende o bom exito de todas as mais, seria a reforma dos costumes, do meio social em que vivemos, da moralidade publica reflexo da moralidade particular.

Ora como fazer esta reforma não é facil, não está mesmo na mão d'este ou de outro governo, no ponto a que chegou o estado da sociedade portu-

vir se de individuos de reputação duvidosa para a auxiliarem na descoberta de crimes, e pagar a esses individuos como empregados da policia secreta.

Este recurso da policia não foi inventada em Portugal: é o recurso de que lançam mão todas as policias do mundo, e os clamores que ahí se tem levantado contra elle, são tão ridiculos como ignorantes ou mostram a má fé com que se tem tratado esta questão, principalmente levantada por uma folha sob a mais evidente paixão.

Essa mesma folha tem formulado n'um dia accusações, das mais graves que no dia immediato desfaz para formolar outras de não menos pezo e isto lhes parece muito natural, como se fosse a coisa mais plausivel d'este mundo o fazer accusações a torto e a direito sem reserva nem respeito pela mais elemental regalia dos cidadãos.

Se a policia tem caceteiros que fazem lembrar o celebre Miguel Aleaide de tempos que já lá vão, parecemos que os declamadores que se aproveitam de um facto isolada, todo pessoal, para fazer carga a essa policia, a pena que tem é não terem os taes caceteiros ás suas ordens para mandarem correr tudo á cacetado, com uma intolerancia que faria inveja ao mais desbragado despotismo.

Se a nossa sociedade está corrupta, estes salvadores que a pretendem curar são uns homoeopathas consumados. *Similia similibus curantur.*

Nós preferimos a alopathia.

João Verdades.

— natural de quem lê ainda que, sem maior interesse.

Em outro lugar do nosso periodico transcrevemos d'este util livro um excerpto, ao acaso, pois que se pudesse o transcreveriamos todo, e n'este nosso dizer vae a homenagem sincera que prestamos ao estudo e trabalho do sr. João Coutinho.

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE»

Para 1894

Já entraram no prélo as primeiras folhas d'este almanach.

Recebem-se annuncios até 31 d'este mez, na

Empreza do OCCIDENTE

L. do Poço Novo—Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.